

# O Manuscrito da Pedagogia do Oprimido *e a criação transcultural em Paulo Freire*

**Pedagogy of the Oppressed's manuscript**  
*and the cross-cultural creation within Paulo Freire*

**El manuscrito de Pedagogía del Oprimido**  
*y la creación transcultural en Paulo Freire*

**JASON FERREIRA MAFRA\***

Universidade Nove de Julho, São Paulo- SP, Brasil.

**RESUMO:** Este trabalho tem como objeto de investigação o *manuscrito da Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Produzido na década de 1960, no Chile, esse documento, que resistiu à devassa político-ideológica e cultural promovida pela ditadura pinochetiana, foi redescoberto no ano de 2001 e doado ao Brasil em 2013, ano em que se realizou a primeira publicação integral dos originais da obra-mestra do educador brasileiro. O universo desta pesquisa, além de estender-se à genealogia da obra, circunscreve-se à caracterização e análise histórico-cultural do documento. Em termos teóricos e de procedimento de interpretação, adotou-se o estruturalismo genético, conforme proposto por Lucien Goldmann.

*Palavras-chave:* Paulo Freire. Manuscritos. *Pedagogia do Oprimido*. Estruturalismo genético.

**ABSTRACT:** This work has as an investigative objective the manuscript for Paulo Freire's *Pedagogy of the Oppressed*. This document, which was produced in Chile, in 1960, that resisted the lecherous culture and political-ideology promoted by Pinochet's dictatorship, was rediscovered in 2001 and donated to Brazil in 2013, the year, which were integrally published the originals from the main work of the Brazilian

---

\* É graduado em História pela Unisal, mestre e doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor da Universidade Nove de Julho. É um dos organizadores do livro *Pedagogia do oprimido: o manuscrito* (Liber Livro, Instituto Paulo Freire). E-mail: <jasonmafra@gmail.com>.

educator. The universe of this research, besides extending itself beyond this work, is based on characterizing and analyzing the document in a historical-cultural way. In theoretical terms, and interpretational procedures, it has adopted the genetic structuralism, according to what was proposed by Lucien Goldmann.

*Keywords:* Paulo Freire. Manuscripts. Pedagogy of the Oppressed. Genetic structuralism.

**RESUMEN:** Este trabajo tiene como objeto de investigación el manuscrito de Pedagogía del oprimido, de Paulo Freire. Producido en la década de 1960, en Chile, este documento, que resistió la devastación político-ideológica y cultural promovida por la dictadura de Pinochet, fue redescubierto en 2001 y donado a Brasil en 2013, año en el que tuvo lugar la primera publicación completa de los originales de la obra maestra del educador brasileño. El universo de esta investigación se extiende a la genealogía de la obra y se circunscribe a la caracterización y análisis histórico-cultural del documento. En términos teóricos y de procedimientos de interpretación se adoptó el estructuralismo genético propuesto por Lucien Goldmann.

*Palabras clave:* Paulo Freire. Manuscritos. Pedagogía del oprimido. Estructuralismo genético.

## Introdução

**E**mbora os(as) estudiosos(as) da educação tenham a obrigação de conhecer a obra-prima de Paulo Freire, a *Pedagogia do Oprimido*, a julgar pelo fato de que se trata da peça filosófico-pedagógica mais publicada no mundo<sup>1</sup>, poucos conhecem a história que subjaz à concepção, elaboração e publicação deste livro. São poucas as pessoas, também, que conhecem a epopeia dos documentos originais que lhe deram conteúdo e forma, isto é, os manuscritos da obra. A redescoberta do valioso documento só ocorreu no ano de 2001, ou seja, quatro anos depois da morte de seu autor, que, até o final de sua vida, não tinha certeza do paradeiro dos originais de seu trabalho intelectual mais relevante.

A trajetória aqui narrada sustenta-se, de um lado, pelo exercício de investigação desses fatos e, de outro, pelo testemunho dos acontecimentos. Cabe explicar que o autor deste artigo não apenas acompanhou a história do reencontro com esses documentos originais, mas, igualmente, participou do projeto editorial e organização de sua publicação, nas duas edições brasileiras publicadas até então (2013 e 2018)<sup>2</sup>.

No presente estudo, além de contextualizar o *manuscrito* da história da *Pedagogia do Oprimido*, são examinadas algumas características importantes desse documento, especialmente no que diz respeito ao processo de concepção e elaboração da obra. Para tanto, o caminho adotado para o movimento de compreensão e explicação do fenômeno situa-se na linha do estruturalismo genético de Lucien Goldmann.

## Uma criação do sujeito transcultural

Segundo relatos do próprio Freire, em grande parte expostos no livro *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 1999), a *Pedagogia do Oprimido* foi escrita entre os anos de 1967 e 1968. Para uma maior noção desta totalidade fenomenológica, há que se fazer, entretanto, uma breve distinção entre a *Pedagogia do Oprimido*, enquanto obra-prima e a *Pedagogia do Oprimido* enquanto concepção teórica de Paulo Freire. A primeira diz respeito à obra datada, escrita no Chile e mundialmente disseminada em vários idiomas após os anos de 1970<sup>3</sup>; a segunda refere-se à teoria filosófico-pedagógica que, após longo processo de sistematização iniciado bem antes do livro, implica, também, a própria antropologia do educador, isto é, a obra intelectual e a atuação pedagógica de Paulo Freire.

Romão e Celso Beisiegel (*apud* MAFRA, 2017, p. 76), conhecidos estudiosos freireanistas, afirmam que a *Pedagogia do Oprimido* foi uma obra permanentemente revisitada e ampliada pelo autor pernambucano, sempre na perspectiva de rever, atualizar e aprofundar as teses que embasam toda a sua teoria. De fato, no Instituto Paulo Freire (IPF), há um exemplar da 16ª edição, revisado, de capa a capa, por Paulo Freire. Moacir Gadotti, fundador e presidente de honra do IPF, referindo-se ao documento ao qual tivemos acesso em diferentes ocasiões quando trabalhamos naquela instituição relatou-nos que, em meados dos anos de 1990, Freire reviu toda a obra e, encaminhando esse exemplar com suas anotações aos editores, solicitou à Editora Paz e Terra, responsável pelos direitos de publicação da obra no Brasil, que fizesse as atualizações para as edições posteriores do livro.

Esse é apenas um dentre outros exemplos do compromisso radical de Freire com o aprimoramento e a atualização de sua teoria. Mas a reescritura da *Pedagogia do Oprimido* estende-se para além da própria obra porque as teses centrais de seu trabalho eram frequentemente retomadas, ampliadas e, quando apenas anunciadas no livro referencial, desenvolvidas em mais de 20 livros publicados em autoria e coautoria após o trabalho seminal. Por isso, Celso Beisiegel costumava afirmar que o mais conhecido intelectual brasileiro da educação produziu uma única obra, porque “sempre reescreveu o que havia escrito antes, numa incansável reelaboração e reescritura dialética da mesma obra, atualizando-a permanentemente” (ROMÃO, 2003, p. XIII-XIV).

Com razão, se fizermos uma exegese sobre os trabalhos escritos de Paulo Freire, veremos que, desde o primeiro livro, *Educação e atualidade brasileira*, resultado de sua tese de

concurso para a Escola de Belas Artes (Recife, 1959), até o último trabalho publicado em vida, *Pedagogia da Autonomia* (1996), encontraremos uma permanente estrutura axiológica, epistemológica e praxiológica que atravessa todos os escritos do educador (MAFRA, 2017). Essa estrutura é exatamente o conjunto de princípios e conceitos centrais que dão fundamentação à *Pedagogia do Oprimido*. Descrever esse processo demandaria outra pesquisa, fora do escopo do objeto para estudo neste artigo. Assim, nos deteremos à abordagem da obra *Pedagogia do Oprimido: o manuscrito* (2013), publicação fac-similada dos originais da obra máxima de Freire.

Até pouco tempo antes de morrer, em 1997, Paulo Freire dizia aos amigos mais próximos, dentre os quais Moacir Gadotti e José Eustáquio Romão, que gostaria muito de rever os escritos originais da *Pedagogia do Oprimido*. Algumas pessoas duvidavam que esse documento ainda existisse, suspeitando, até mesmo, da memória do educador brasileiro. É que, além de passados 30 anos da confecção da obra, Freire encontrava-se, naquele momento, com vários problemas de saúde, embora manifestasse sempre uma admirável lucidez, seja na convivência diária, seja nos trabalhos de seminários, palestras, encontros, desenvolvidos dentro e fora do Brasil, até o último mês de vida.

Conforme relata o autor em *Pedagogia da Esperança* (1999)<sup>4</sup>, livro escrito para ser um “reencontro com a *Pedagogia do Oprimido*”, a sua obra magna surgiu das sínteses do pensador sobre as experiências educacionais desenvolvidas por ele no Brasil e no Chile e as leituras de diferentes autores e áreas do conhecimento que Freire acumulou entre os anos de 1950 e 1960. Esta marca de estabelecer mediações entre os “saberes de experiência feitos” – expressão freiriana para designar as aprendizagens do cotidiano da realidade concreta - e as teorias pode ser observada não apenas em todos os seus escritos, mas, da mesma forma, em suas comunicações orais, registradas nas inúmeras conferências, seminários, debates etc. de que participou desde os anos de 1960 até o final da década de 1990, quando veio a falecer.

Desde que chegou ao Chile, paralelamente ao seu trabalho de formação com educadoras e educadores do programa extensionista em que trabalhava, no Instituto de Desarrollo Agropecuario (Indap), Freire adquiriu o hábito de registrar, em fichas que carregava diariamente para o trabalho, suas observações sobre a própria prática educacional e as ideias sobre a teoria pedagógica que em sua mente ia se estruturando. Sobre isso, chegou a registrar:

Comecei a escrever fichas a que ia dando, em função do conteúdo de cada uma, um certo título ao mesmo tempo em que as numerava. Andava sempre com pedaços de papel nos bolsos, quando não com um pequeno bloco de notas. Se uma idéia me ocorria, não importava onde eu estivesse, no ônibus, na rua, num restaurante, sozinho, acompanhado, registrava a idéia. Às vezes, era uma pura frase (FREIRE, 1999, p. 58).

Suas sínteses teóricas resultavam dessa dialética: o confronto entre os estudos que realizava dos trabalhos de intelectuais de distintas áreas e a leitura do mundo de sua

prática pedagógica cotidiana. Durante toda a vida, cultivou esse hábito de “trabalhar as ideias desgarrando-as também das leituras que fazia” (FREIRE, 1999, p. 58). Segundo ele, “Havia ocasiões em que uma afirmação do(a) autor(a) que estava lendo gerava [...] um quase alvoroço intelectual”, provocando “uma série de reflexões que jamais possivelmente tinham sido objeto da preocupação do autor ou da autora do livro que estava lendo” (FREIRE, 1999, p. 58). Em outros momentos, “o registro que [o] desafiava e sobre que escrevia [...] eram afirmações ou dúvidas, ora dos camponeses que entrevistava [...], ora de técnicos agrícolas, agrônomos ou outros educadores” (FREIRE, 1999, p. 58).

Essa capacidade conectiva de Freire, que lhe possibilitava transitar por diversas áreas do conhecimento, dentre outros aspectos, foi uma das razões pelas quais ele desenvolveu um pensamento autêntico no campo pedagógico, marcado pela síntese de múltiplos saberes teóricos e práticos. Curiosamente, embora tenha produzido a obra de maior impacto no campo educacional, ele pouco recorreu a obras propriamente da área da pedagogia<sup>5</sup> (MAFRA, 2017). De fato, ao examinar as menções bibliográficas de autores da educação na *Pedagogia do Oprimido*, observamos que, dos autores propriamente dedicados à educação, apenas o nome de Pierre Furter, um dos pensadores da andragogia, aparece como referência para o trabalho de Freire. Todas as demais referências são de autores de outras áreas, dentre as quais, filosofia, história, antropologia, psicanálise, sociologia, linguística, comunicação etc.

Rotineiramente, depois do expediente de trabalho, em sua biblioteca residencial, Freire desenvolvia as ideias anotadas de sua práxis, em diálogo com suas leituras teóricas. Dias depois, os textos eram submetidos às análises críticas de amigos, notadamente intelectuais chilenos e brasileiros exilados. Lutgardes, filho caçula de Freire, relatou-nos que os círculos de cultura para discutir os textos do pai eram muito frequentes em sua casa, quando moraram em Santiago. De acordo com ele, logo no início dessas rodas culturais de conversa, Freire já falava de forma muito entusiasmada da Pedagogia do Oprimido com vários amigos, bem antes de iniciar a sistematização geral de sua teoria. Num certo dia, recordou Lute<sup>6</sup>, sua mãe, Elza Freire, que sempre lia e também discutia os textos com o próprio Paulo, segundo ele próprio, a primeira leitora de seus textos, fez uma convocatória para que ele “deixasse de falar tanto com os amigos e começasse a escrever o livro”.

Freire também se recorda desse episódio, em *Pedagogia da Esperança* (1999), dizendo que depois do ocorrido tirou um mês de férias e, “em quinze dias de trabalho [...] em que atravessava não raro as noites” (1999, p. 60), escreveu “os três primeiros capítulos da Pedagogia” (1999, p. 60).

O quarto e último capítulo só foi escrito depois que Ernani Maria Fiori entregou o seu prefácio à obra. Após a primorosa apresentação do filósofo, Freire aceitou um conselho de Josué de Castro, o famoso autor de *Geografia da fome* que se encontrava também exilado no Chile, para prorrogar a publicação do seu trabalho. Josué sugeriu a Paulo guardar a primeira versão do texto por dois meses, antes de finalizar a obra (FREIRE, 1999,

p. 60). Assim, ao tomar distanciamento de sua produção, Freire voltou a relê-la e, com o olhar mais apurado, fez as devidas revisões e escreveu o capítulo final da *Pedagogia do Oprimido*. Depois disso, pediu a um assessor para datilografar o material, cujas cópias, antes de serem entregues às editoras, foram confiadas a amigos brasileiros e chilenos (FREIRE, 1999, p. 62). O pensador afirma que todos esses amigos leram o texto original e deram importantes contribuições ao material. Dentre outros que examinaram e discutiram os manuscritos antes da versão final, encontravam-se Marcela Gajardo, Jacques Chonchol, Jorge Mellado, Juan Carlos Poblete, Raúl Velozo, Paulo de Tarso, Plínio Arruda Sampaio, Almino Afonso, Maria Edy, Flávio Toledo, Wilson Cantoni, Ernani Fiori, João Zacariotti (FREIRE, 1999, p. 62).

Como se pode notar neste breve contexto, a obra-prima de Paulo Freire tem uma característica muito coerente com um dos princípios centrais da teoria freiriana, a dimensão dialógica do sujeito coletivo. Não é por outra razão que ele enfatiza nesta e em suas demais obras que “ninguém educa ninguém”, e “ninguém se educa sozinho”, já que as pessoas “se educam em comunhão, mediatizadas pelo mundo”. De fato, a *Pedagogia do Oprimido* foi um processo de criação resultante de um círculo de cultura permanente. Iniciada em suas experiências no Brasil e sistematizada no Chile, sua teoria prosseguiu desenvolvendo-se e atualizando-se nos trabalhos posteriores do próprio Freire e de seus continuadores<sup>7</sup>.

Conforme explica Lucien Goldmann (1972), os grandes trabalhos de referência social são as obras-primas da criação cultural. Elas se constituem como tal, dentre outros aspectos, porque conseguem captar, no âmbito de uma teoria ou de uma expressão artística, as estruturas significativas de seu tempo.

Para o pensador romeno, o protagonismo da criação cultural não é a façanha de uma só pessoa, mas, por sua natureza coletiva, resultado de um sujeito transindividual. Para Goldmann (1972), toda grande produção cultural (uma pintura, uma peça de dramaturgia, um livro etc.) sintetiza certa leitura do mundo, expressando os problemas, anseios, avanços e perspectivas de seu tempo. O criador individual, seja um escritor, seja um cineasta, seja um pintor ou um escultor, desenvolve a genialidade de captar as dimensões estruturais da realidade de seu tempo, mas não é um gênio por si mesmo. Trata-se de um sistematizador cultural situado em uma temporalidade específica e sob determinadas condições objetivas. É neste contexto sociológico e cultural que situamos a *Pedagogia do Oprimido*.

Após finalizado o texto, o desafio maior seria publicá-lo. Por isso, as primeiras edições da obra envolveram outro longo processo, ocorrendo apenas dois anos após a produção manuscrita final do livro. É que, naquele final dos anos de 1960, especialmente nos regimes de frágil ou nenhuma democracia, havia um cenário político nacional e internacional muito desfavorável às publicações de trabalhos, digamos, de natureza crítica. Como é conhecido, o mundo vivia em plena Guerra Fria, naquele momento. Muitos países,

especialmente da América Latina e da África, mas também da Europa e da Ásia, estavam submetidos a governos ditatoriais. Todos os países de língua portuguesa encontravam-se nessa condição. O Brasil vivia o auge da ditadura militar e os países africanos lusófonos (Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Cabo Verde) estavam todos submetidos pelo colonialismo salazarista de Portugal. Diante desse quadro de autoritarismo e censura não havia editoras em língua portuguesa dispostas a publicar o trabalho de Freire. Por isso, o livro só chegou a ser editado no Brasil, em 1975 (FREIRE, 1999, p. 63), após as edições já realizadas, desde 1970, em língua inglesa, espanhola, francesa, alemã e italiana (FREIRE, 1999, p. 62-63).

### **O manuscrito: do achado à publicação**

Embora em diferentes ocasiões se recordasse do processo de elaboração da *Pedagogia do Oprimido*, cujos textos, conforme vimos, antes de se incorporarem ao formato de livro, foram frequentemente debatidos com outros intelectuais brasileiros e estrangeiros no exílio, Paulo Freire, que faleceu em 1997, nunca reencontrou o material original de sua obra máxima. Aos amigos próximos, revelou, algumas vezes, o desejo de rever esse documento.

Após o falecimento do educador, quatro anos depois, em 2001, Lutgardes Freire, Moacir Gadotti e José Eustáquio Romão, membros fundadores do Instituto Paulo Freire (IPF), encontraram-se, em Porto Alegre, com o notável político, agrônomo e ex-ministro chileno, Jacques Chonchol<sup>8</sup>, no primeiro encontro do Fórum Social Mundial (FSM)<sup>9</sup>.

Chonchol foi quem acolheu Paulo Freire em 1964, quando, exilado, o brasileiro chegou ao Chile. Lá, o líder político chileno convidou-o para coordenar o trabalho de extensão cultural, do programa de educação de adultos, vinculado ao *Instituto de Desarrollo Agropecuario* (Indap), daquele país. Chonchol e sua esposa, Maria Edy, tornaram-se os amigos de convivência mais frequentes da família Freire naquele período. Em reconhecimento à amizade e ao trabalho que realizaram juntos, pouco antes de deixar o Chile, em 1969, quando aceitou o convite para trabalhar em Harvard e, posteriormente, em Genebra, Freire presenteou ao amigo e à sua mulher os originais da *Pedagogia do Oprimido*. Depois disso, Paulo Freire nunca mais viu o documento e nem tinha certeza se ele ainda existia. É que, no ano de 1974, com o golpe militar de Augusto Pinochet, Chonchol exilou-se na França e sua biblioteca particular foi dilapidada. Anos depois, no exílio, ele recebeu os originais que lhe foram enviados por sua mãe.

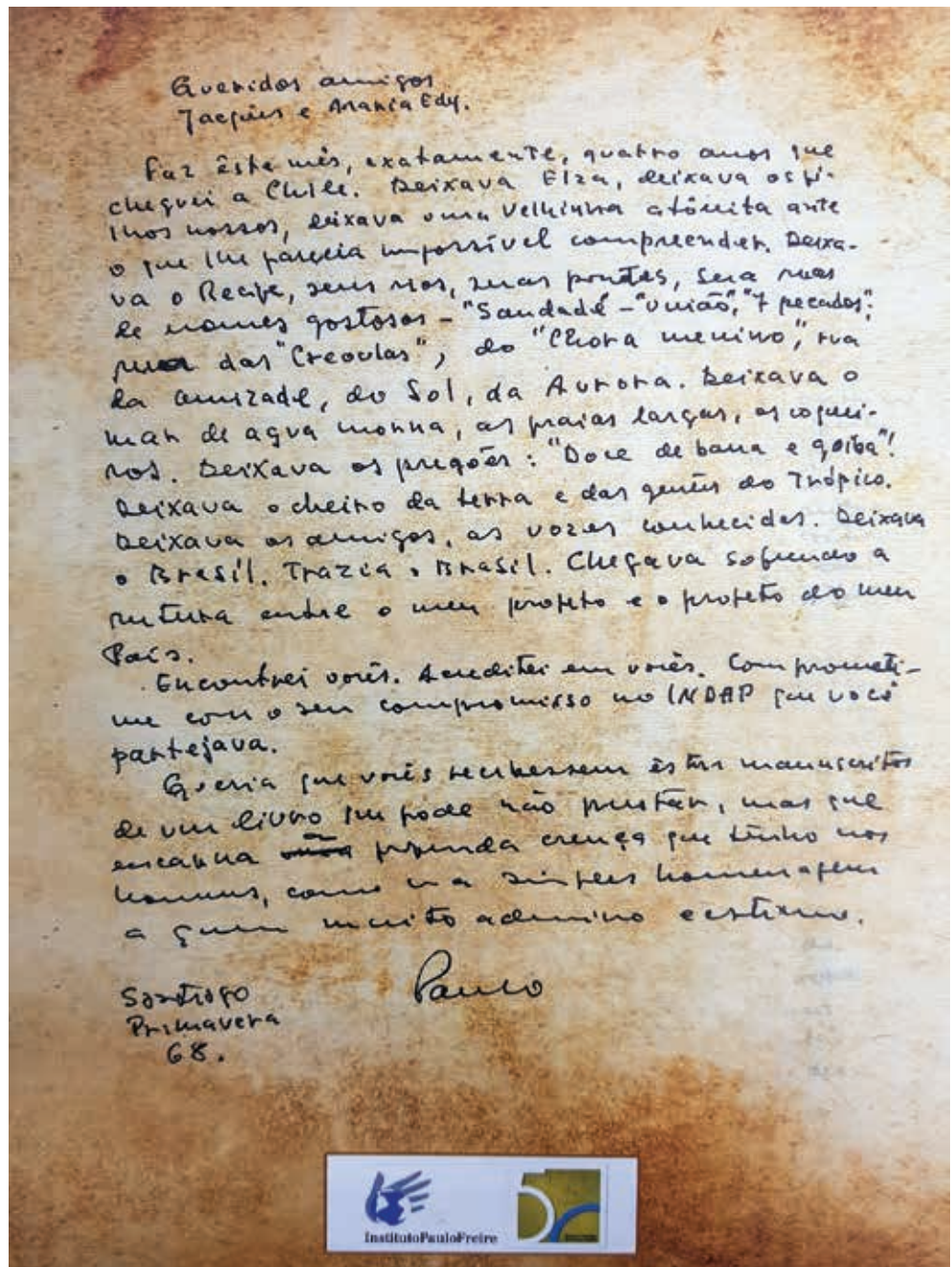
Ele nos contou, em 2014, quando esteve novamente no Brasil, que os manuscritos haviam escapado das ações da ditadura por um milagre. Os oficiais de Pinochet, ao invadirem sua casa, segundo nos disse o ex-ministro, levaram todos os materiais considerados subversivos ou de natureza comunista, mas não se deram conta de olhar uma pasta

velha que estava num canto na biblioteca, com todos os textos manuscritos da *Pedagogia do Oprimido*. Anos depois, a mãe de Chonchol encontrou aqueles documentos e, imaginando que pudessem ser importantes, enviou ao filho, por meio de navio, até a França, onde residia o ex-ministro. Naquela altura, já haviam se passado cerca de 20 anos. Confidenciou-nos, Chonchol, que ele já não esperava mais reencontrar aquele presente tão valioso que havia recebido de Freire, afinal, tratava-se, no período das ditaduras, de um dos textos mais censurados no mundo. Esse reencontro foi, portanto, um novo presente, pela enorme surpresa que proporcionou ao político chileno, que sempre manifestou uma grande estima pelo velho amigo brasileiro. De outro lado, Freire, em diferentes ocasiões e em algumas obras posteriormente publicadas desde o exílio do Chile, manifestou sempre profundo carinho e gratidão ao companheiro de trabalho e luta política.

Vale a pena reler a dedicatória que Paulo Freire fez ao amigo e à sua companheira, no momento da entrega dos originais, que, ninguém imaginaria, constituir-se-iam no livro mais lido na área da educação e um dos mais editados no campo das ciências sociais em todo o mundo.



Imagem 1 - Contracapa da obra "Pedagogia do Oprimido: o manuscrito



Fonte: MAFRA, J. F.; ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M., 2013.

Este documento, antes da primeira edição do *manuscrito*, em 2013, jamais foi publicado. Por essa razão, e também pelo fato de que se trata de um texto caligrafado, reproduzimos, a seguir, com eventuais ajustes gráficos, o seu conteúdo na íntegra.

Queridos amigos, Jacques e Maria Edy,

Faz este mês, exatamente, quatro anos que cheguei a Chile. Deixava Elza, deixava os filhos nossos, deixava uma velhinha atônita ante o que lhe parecia impossível compreender. Deixava o Recife, seus rios, suas pontes, suas ruas de nomes gostosos – “Saudade” – “União”, “7 pecados”; rua das “Ceroulas”, do “Chora menino”, rua da amizade, do Sol, da Aurora. Deixava o mar de água morna, as praias largas, os coqueiros. Deixava os pregões: “Doce de banana e goiaba”! Deixava o cheiro da terra e das gentes do Trópico. Deixava os amigos, as vozes conhecidas. Deixava o Brasil. Trazia o Brasil. Chegava sofrendo a ruptura entre o meu projeto e o projeto do meu País.

Encontrei vocês. Acreditei em vocês. Comprometi-me com o seu compromisso no INDAP que você partejava.

Queria que vocês recebessem estes manuscritos de um livro que pode não prestar, mas que encarna a profunda crença que tenho nos homens, como na simples homenagem a quem muito admiro e estimo.

Santiago, Primavera 68. Paulo.

No encontro que os representantes do IPF tiveram com Chonchol, naquele evento do FSM realizado na capital gaúcha, em 2001, o ex-ministro chileno revelou a Gadotti, Romão e Lute que ainda possuía o documento e que se disporia a fazer uma reprodução do material para doá-lo ao Instituto Paulo Freire (IPF). No mesmo ano, em 2001, Adriano Nogueira, educador e assessor do IPF, foi até Santiago e trouxe uma cópia fac-similada dos originais. Esse documento foi reproduzido em cópias xerografadas e distribuído apenas internamente para algumas pessoas do próprio Instituto. Iniciou-se, então, um movimento para conseguir as autorizações da família Freire, da Editora Paz e Terra, responsável pela edição brasileira da obra, e do próprio Jacques Chonchol, proprietário do documento, para viabilizar a publicação dos manuscritos.

Em diferentes momentos, essa discussão das autorizações avançava e recuava, até que, mais de uma década depois, por ocasião das celebrações dos “50 anos de Angicos”, em 2013, a Editora e a família Freire prometeram autorizar a edição dos manuscritos, com tiragem limitada e sem fins de venda. Em agosto daquele mesmo ano, Romão foi até Santiago (Chile) conversar com Chonchol, com a missão incerta de conseguir a doação dos originais da *Pedagogia do Oprimido* para o Brasil. Felizmente, Chonchol, que já havia pensado em entregar os manuscritos à Unesco, concordou em doar o documento.

Após a publicação do *manuscrito*, Romão e Gadotti movimentaram-se para garantir que o documento ficasse sob a guarda do Governo brasileiro. A ideia, que chegou a ser discutida e aprovada pelo ministro da Educação, Aloízio Mercadante, era construir um memorial Paulo Freire, sediado na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, onde o escrito e suas respectivas cópias digitalizadas e impressas ficassem à disposição do público.

Até o ano de 2020, esse projeto ainda não havia se concretizado, sobretudo em razão das mudanças políticas nacionais que, após o Governo Dilma Rousseff, inclinaram-se para o conservadorismo de ultradireita. Desde então, iniciou-se uma cruzada oficial do Governo Federal, na figura do presidente da República e de outros políticos, particularmente os incrustrados no Ministério da Educação, para tentar desmoralizar e expurgar o Patrono da Educação Brasileira<sup>10</sup>.

Por isso, neste momento, o *manuscrito* encontra-se ainda sob os cuidados do Instituto Paulo Freire e da Universidade Nove de Julho (Uninove), instituições responsáveis pela segurança, cuidado e guarda do documento.

Até o ano de 2020, foram feitas três publicações dos originais da obra máxima de Freire. Duas no Brasil, em 2013 e em 2018, publicadas pelo Instituto Paulo Freire e pela Uninove, e uma no Chile, em 2018, publicada pela *Ediciones Universidad Tecnológica Metropolitana* (Utem).

Além do incalculável valor histórico, o *manuscrito* é um notável objeto de pesquisas que deverá revelar muito ainda sobre o pensamento e as reflexões teóricas de Paulo Freire. Basta observarmos que em todas as edições publicadas da *Pedagogia do Oprimido*, seja em português seja em outros idiomas, há diferentes trechos que foram suprimidos dos originais, além de esquemas explicativos que Freire elaborou manualmente sobre aspectos de sua teoria.

Atualmente, há dois trabalhos acadêmicos sobre o *manuscrito*: uma tese de doutorado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Uninove, sob o título de *Pedagogia da dialogicidade: ressonâncias genéticas, intertextuais e discursivas em Pedagogia do Oprimido* (o manuscrito) (LAURITTI, 2018), e uma dissertação defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), intitulada *A gênese da pedagogia do oprimido: o manuscrito* (SILVA, 2017). O primeiro trabalho examina, de uma forma geral, o modo de dizer (*modus dicendi*), o modo de mostrar (*modus monstrandi*) e o modo de agir (*modus faciendi*), de Paulo Freire (LAURITTI, 2018, p. 7), tendo em vista os indícios do *manuscrito* que, segundo a autora, revela uma “Pedagogia do diálogo educacional” (idem). O segundo estudo propõe-se a “traçar um perfil da forma de trabalho empregada pelo autor para a concretização deste livro, bem como fazer um resgate histórico das principais ações anteriores à concepção da obra” (SILVA, 2018).

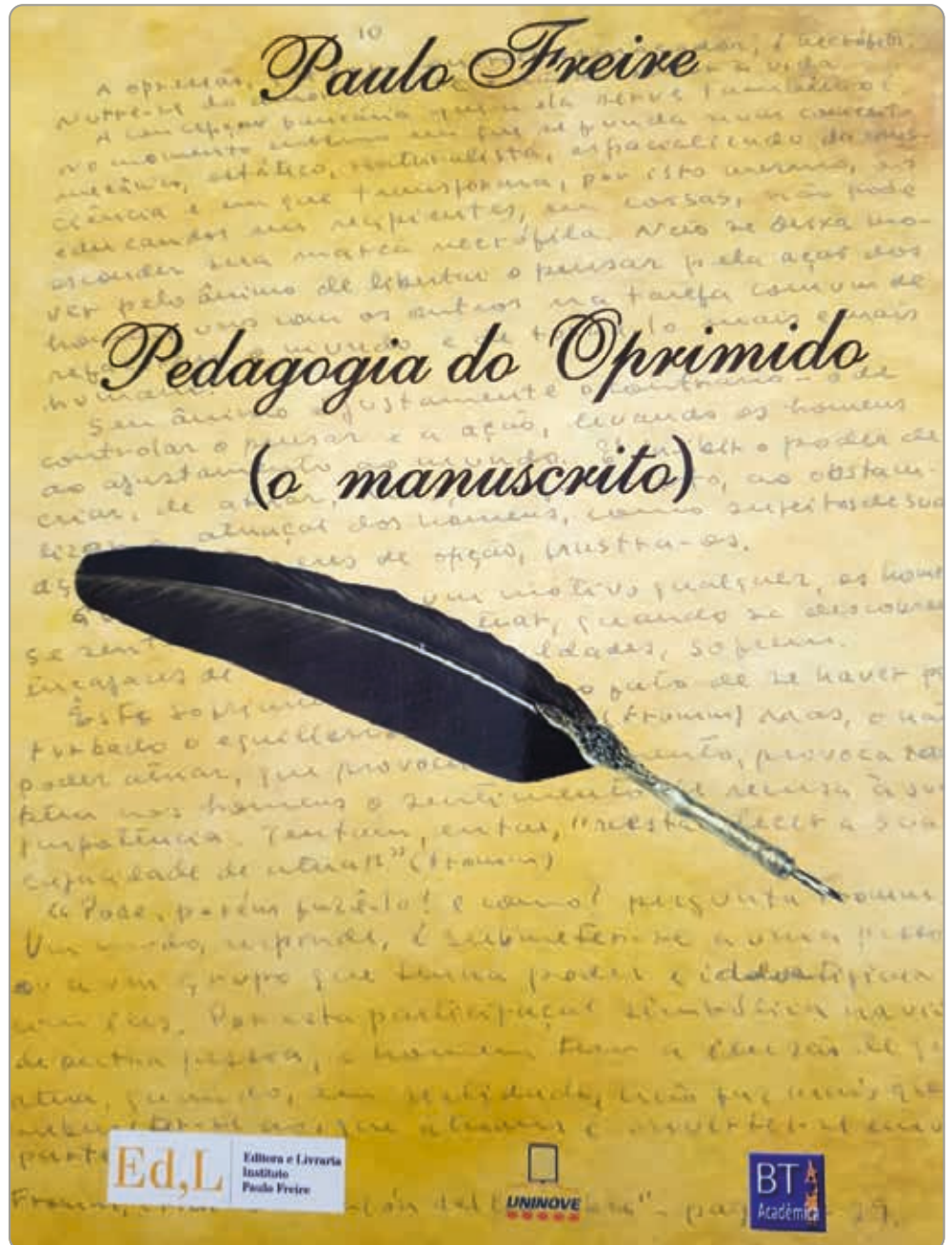
Considerando a relevância histórica e epistemológica da obra de Paulo Freire, não apenas para o campo educacional, mas para as ciências humanas em geral, vale arriscar dizer que muitos pesquisadores deverão ainda se debruçar sobre esse documento, que, só recentemente, tornou-se público para o Brasil e para o mundo. Paralelamente, desejamos que as autoridades nacionais possam reconhecer a relevância desse patrimônio cultural, dando-lhe um lugar de destaque e segurança não apenas por uma atitude generosa à memória de um dos seus intelectuais mais notáveis, mas porque a *Pedagogia do Oprimido* é, como ressalta a tese de Goldmann, uma verdadeira obra de criação transcultural da sociedade humana.

## Considerações finais

Ainda recorrendo à perspectiva teórico-metodológica goldmanniana, podemos afirmar que, se, de um lado, a *Pedagogia do Oprimido*, enquanto obra datada, completou, em 2018, cinquenta anos, a *Pedagogia do oprimido*, enquanto projeto coletivo, isto é, como sujeito e obra transindividual, tem uma longa história. A rigor, ao lado de tantas outras obras produzidas pelas diferentes tradições culturais, em síntese, ela assimila a luta ancestral dos seres humanos contra a opressão e pela liberdade. Quando lemos ou releemos os seus textos, torna-se impossível não nos remetermos a outros trabalhos de intelectuais clássicos da humanidade, porque, de uma forma ou de outra, todos eles, cada qual a seu modo, convergem para um mesmo fim, qual seja, o processo de humanização.

Substantivamente, seja nos textos antigos do budismo, seja nos escritos judaico-cristãos, seja num documento recente, como o *Manifesto Comunista*, todas as grandes questões e grandes buscas humanas emergem de maneira muito parecida. O que se modificam, basicamente pelo tempo e contexto, são as abordagens na forma de explicar e problematizar esses desafios, apontando, também, meios de enfrentá-los e superá-los. Justiça social, dignidade, exercício da liberdade, solidariedade, paz, dentre outros, são buscas e construções históricas de nossos mais distantes antepassados. Tão relevante quanto preservar e tornar público um documento de tamanha importância, é honrar o legado de Freire que, na própria aceção do autor, significa atualizá-lo, reinventá-lo. O *manuscrito* da *Pedagogia do Oprimido* precisa ser cuidadosamente examinado não apenas pelos trechos inéditos não publicados até então, mas porque esse documento poderá revelar muito mais sobre a atualidade da Pedagogia do Oprimido, uma das teorias mais fecundas criadas no século XX. Isso se faz necessário nem tanto pelas marcas idiossincráticas que se possam perceber sobre o autor, observadas, dentre outros aspectos, pelo seu estilo literário e caligráfico, mas porque, subjacente ao que é visível e notório, há uma outra cartografia possível que, de um lado, nos revela um pouco mais do homem Paulo Freire, e, de outro, um pouco mais da humanidade de todos(as) nós.

## Imagem 2 - Primeira Capa da edição da Pedagogia do Oprimido: o manuscrito



Fonte: MAFRA, J. F.; ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M., 2013.

Recebido em 18/08/2020. Aprovado em 31/08/2020.

## Notas

- 1 Paulo Freire é o terceiro pensador mais citado mundialmente em universidades da área de humanas. O levantamento foi feito por meio do *Google Scholar* – ferramenta de pesquisa para literatura acadêmica – por Elliot Green, professor associado da *London School of Economics*. Segundo o pesquisador, Freire é citado 72.359 vezes, atrás somente do filósofo americano Thomas Kuhn (81.311) e do sociólogo, também americano, Everett Rogers (72.780).
- 2 Os originais da obra máxima de Paulo Freire foram publicados, pela primeira vez, no ano de 2013, sob a organização editorial de Jason Ferreira Mafra, José Eustáquio Romão e Moacir Gadotti.
- 3 Levantamento que fizemos no ano de 2019, constatamos que a primeira versão da *Pedagogia do Oprimido* foi publicada em espanhol, no Uruguai, em 1970, mesmo ano em que a primeira versão inglesa da obra foi publicada nos Estados Unidos. Não há um estudo atualmente rigoroso sobre em quantos idiomas o livro foi publicado. No ano de 2004, quando coordenamos um conjunto de peças culturais chamado “Projeto Memória”, levantamos a informação de que o livro havia sido traduzido para mais de 30 línguas. Ao realizarmos a 2ª edição do *Manuscrito*, em 2018, identificamos 58 capas diferentes de edições da obra no mundo.
- 4 Para quem tiver interesse em conhecer mais detalhes do livro central de Freire, vale a pena ler a primeira parte da *Pedagogia da Esperança* (FREIRE, 1999). Publicado primeiramente em 1992, essa obra narra o processo de concepção, elaboração e publicação da *Pedagogia do Oprimido*, e discute algumas críticas e observações feitas por intelectuais e outros leitores àquele trabalho.
- 5 Na ocasião da pesquisa de doutorado, em que investigamos as influências intelectuais de Freire, fizemos um levantamento na biblioteca pessoal do educador, que contém a maior parte de todo o acervo selecionado por ele, no exílio e no Brasil. Sediada no Instituto Paulo Freire e contendo aproximadamente sete mil livros, o acervo é composto por obras distribuídas em mais de 30 áreas do conhecimento, sendo que os títulos da educação formam apenas uma pequena parte desse arquivo, o que demonstra a dimensão transdisciplinar que marcou a formação e as referências do autor.
- 6 Apelido de Lutgardes Freire.
- 7 Em diferentes ocasiões, amigos de convivência próxima do educador brasileiro, dentre eles, Moacir Gadotti, José Eustáquio Romão e Carlos Torres, nos relataram que, quando se cogitava a criação do Instituto que levou o seu nome, Paulo Freire sempre alertava que uma instituição assim não deveria ser criada simplesmente para reproduzir a *Pedagogia do Oprimido*. Para ele, os continuadores de sua obra deveriam ousar, constantemente, e reinventar o seu legado por meio de uma leitura permanente do mundo.
- 8 Chonchol, um dos quadros técnicos e políticos mais importantes do Chile, entre as décadas de 1960 a 1970, trabalhou no governo chileno desde a Presidência de Eduardo Frei Moltalva (1964-1970), até o momento do golpe de estado que derrubou Salvador Allende (1973), momento em que exercia o cargo de ministro da Reforma Agrária.
- 9 O FSM é um movimento social que emergiu no final do século XX por iniciativa de organizações não governamentais. Organizado por diferentes grupos e movimentos da sociedade civil e apoiado por governos progressistas de vários países, o FSM destacou-se por uma pauta de crítica à economia capitalista e proposições de alternativas socioeconômicas na primeira década do século XXI.
- 10 Como é de conhecimento geral, em 2012, por intermédio de um projeto de lei apoiado por diversos parlamentares e instituições de educação do Brasil e de outros países, aprovado pelo Congresso Nacional, o Ministério da Educação nomeou Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira.

## Referências

- COSTA, C. **“Brasil nunca aplicou Paulo Freire”, diz pesquisador**. Entrevista a José Eustáquio Romão. São Paulo: BBC Brasil 24 jul. 2015. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719\\_entrevista\\_romao\\_paulofreire\\_cc](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150719_entrevista_romao_paulofreire_cc)>. Acesso: 20 jan. 2016.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, **Pedagogia da Autonomia**. 49. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, **Pedagogia del oprimido**. Santiago (Chile): Ediciones Universidad Tecnológica Metropolitana/ Programa Interdisciplinario de Investigación em Educación, 2018.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido: o manuscrito**. (MAFRA, J. F.; ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. (Org.). São Paulo: Instituto Paulo Freire/Universidade Nove de Julho/Ministério da Educação (MEC), 2017.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido: o manuscrito**. (MAFRA, J. F.; ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. (Org.). São Paulo: Instituto Paulo Freire/Universidade Nove de Julho/Ministério da Educação (MEC), 2018.
- GOLDMANN, Lucien. **A criação cultural na sociedade moderna**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.
- LAURITTI, Nádía Conceição. **Pedagogia da dialogicidade**. Tese (Doutoramento) – Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2018.
- MAFRA, J. F. **Pedagogia do oprimido: do manuscrito à universidade popular**. In: Moacir Gadotti. (Org.). **Alfabetizar e conscientizar: Paulo Freire, 50 anos de Angicos**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2014, v. 1, p. 355-360.
- MAFRA, J. F.; ROMÃO, J. E.; GADOTTI, M. (Org.). Contracapa. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido** (o manuscrito). São Paulo: Instituto Paulo Freire/Universidade Nove de Julho/Ministério da Educação (MEC), 2017.
- MAFRA, J. F. **Paulo Freire, um menino conectivo**. São Paulo: Liberlivro/BT Acadêmico, 2017.
- PINO, C. A.; ZULAR, R. **Escrever sobre escrever**. Uma introdução crítica a crítica genética. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- PREVIDELLI, Flávio. **De terceiro pensador mais citado em trabalhos acadêmicos à inspiração para cientistas: o legado de Paulo FREIRE**. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-quem-foi-paulo-freire.shtml>>. Acesso em: 5 ago. 2020.
- ROMÃO J. E. Contextualização: Paulo Freire e o Pacto Populista. In: FREIRE, P. **Educação e atualidade brasileira**. (Org.) José Eustáquio Romão. 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.
- SILVA, Camila Téó da. **A gênese da pedagogia do oprimido**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.